

A Morte Como Laço Social: Reflexões Sobre A Cobertura De Zero Hora Ao Aniversário Da Morte De Bernardo Boldrini¹

Natália REDÜ²

Michele NEGRINI³

Universidade Federal de Pelotas, RS

Resumo

Um caso que chamou a atenção e comoveu o Brasil foi a morte do garoto Bernardo Boldrini. O assassinato do menino, que morava no interior do Rio Grande do Sul, teve intensa repercussão nos mais diversos meios de comunicação e gerou comoção no público, inclusive entre pessoas que não se conheciam. A reportagem do Jornal Zero Hora de 4 de abril de 2015, dia que completou um ano do falecimento de Bernardo, aborda as manifestações do público devido ao aniversário da morte e demonstra os laços gerados através do falecimento do garoto. Assim, o foco deste estudo é analisar o agendamento da morte no discurso do jornal e o seu tratamento como uma forma de laço social entre as mais diversas pessoas.

Palavras-chave: morte; caso Bernardo; Jornal Zero Hora; laço social.

Introdução

Um dos recentes casos de morte que ganhou muito destaque na mídia e despertou a curiosidade do público foi o “Caso Bernardo”. As primeiras notícias sobre a situação datam de meados do início de abril de 2014. A polícia havia sido acionada e estava investigando. A priori, tratava-se de uma situação de desaparecimento. Ainda assim, a delegada responsável deixava claro que nenhuma hipótese havia sido descartada, eis que as linhas de investigação eram diversas. Neste período é que começaram a se formar o que denominamos de laços sociais⁴, através da criação de páginas no Facebook, grupos de discussão e postagens na web.

Essas primeiras integrações foram verificadas na própria cidade onde ocorreu o crime, Três Passos/RS. Desde o começo houve grande comoção social. Isso porque Bernardo era filho de um respeitado médico da cidade e, ao mesmo tempo, era de conhecimento dos cidadãos residentes naquele município que o pai e a madrasta (que após

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPel, email: nataliaredu@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPel, email: mmnegrini@yahoo.com.br

⁴ Vamos tomar a perspectiva de laço social apresentada por Dominique Wolton (1996) em tópico específico adiante.

as investigações foram acusados do crime de assassinato e ocultação de cadáver) não tinham bom relacionamento com o infante. Além disso, já havia registros na promotoria da infância e juventude local de abandono familiar e manifestações de vontade de Bernardo em ser adotado por outra família.

No dia 14 de abril de 2014, o mistério começou a ser esclarecido: a polícia informa que encontrou o corpo do menor enterrado na cidade de Frederico Westphalen/RS, distante cerca de 80 Km de Três Passos. À noite, é divulgada a notícia de que pai e madrasta da vítima haviam sido presos por serem suspeitos do crime.

Diante da possibilidade de um acontecimento chocante, um pai e uma madrasta que rejeitam um filho e o matam, a comoção atinge níveis ainda maiores. O que estava restrito a uma cidade e posteriormente a um Estado atinge âmbito nacional. A cobertura da mídia sobre este crime foi intensa: na televisão, nos impressos e na internet. Alguns meios de comunicação, como o site G1⁵, da Globo, e o jornal Zero Hora⁶, do Grupo RBS, criaram páginas especiais para tratar do assunto, o que é algo incomum para casos de morte de pessoas desconhecidas.

É dentro deste contexto que se propõe a trabalhar a morte como um laço social. A ideia para tal estudo surgiu a partir da reportagem veiculada no jornal Zero Hora por ocasião do 1º ano da morte de Bernardo Boldrini⁷ (“Caso Bernardo”). Como se infere da dita reportagem, a repercussão atingiu, inclusive, outros países, tais como Austrália, Portugal e Alemanha.

Atualmente, o caso retorna à mídia com mais ênfase em situações ocasionais e pontuais, tais como: quando algum dos réus apresenta nova versão para os fatos; quando há alguma manifestação pública clamando por justiça; quando ocorre algo relacionado ao julgamento do crime (oitiva de um acusado, a troca de Promotor que acompanha o caso, por exemplo). Isso porque, com a conclusão das investigações e o indiciamento dos réus, dentre eles o pai e a madrasta do menino, era necessário aguardar a próxima etapa, qual seja, a data da audiência de instrução e julgamento⁸. Com isso, as notícias sobre o crime foram se tornando escassas.

Por ocasião do “aniversário” de um ano da morte do garoto, como era de se esperar, o assunto foi motivo de reportagens, dentre as quais, esta objeto do presente trabalho. A

⁵ <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/caso-bernardo-boldrini/index.html>

⁶ <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/pagina/caso-bernardo.html>

⁷ Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/especiais-zh/zh-caso-bernardo-1-ano/>, acesso em 15 de abril de 2015.

⁸ É durante esta audiência que o juiz, na presença dos jurados, analisará as provas coletadas e ouvirá depoimentos das testemunhas, dos réus e de outras pessoas que puderem colaborar para elucidação do caso.

matéria jornalística aborda as manifestações populares ocorridas na cidade neste dia marcante. Também traz informações sobre o alcance e a relevância do caso para determinadas pessoas, dando ideia da dimensão/proporção que o caso atingiu. A partir da perspectiva da abordagem da morte de Bernardo em Zero Hora, este estudo tem como foco analisar a forma como a morte é agendada pelo discurso do jornal e observar o seu tratamento como uma forma de laço social entre os públicos.

A Morte No Jornalismo

A morte é um assunto dotado de complexidades e que gera interpretações relacionadas com diversos fatores, como as distintas culturas, crenças religiosas e com cada período histórico. Na concepção de Simmel (1998), a finitude humana é um dos assuntos mais delicados e controversos da história cultural da humanidade. Ela é um elemento estrutural para a caracterização dos seres humanos, pois é a partir dela que o homem se reconhece. Com o entendimento de sua finitude, o homem tem um olhar diferenciado sobre o seu presente e dá bases para a sua vida.

Como é um tema tão complexo, o olhar dos homens sobre a morte e as atitudes sobre ela têm mudado com o decorrer do processo histórico. Na Idade Média, a morte era considerada “domesticada”. Do período da alta Idade Média até a metade do século XIX, segundo Áries (2003), as atitudes diante do fim da vida foram sendo alteradas. E a morte foi perdendo espaço no meio social. O pensador acrescenta que já na segunda metade do século XIX, o doente terminal deixa de estar ciente de seu quadro clínico. E no século XX, mais especificamente entre as décadas de 1930 e 1950, ocorre o deslocamento do local da morte, ela deixa de ocorrer em casa e vai para os hospitais, ocasionando mudanças na postura do homem diante de sua finitude, inclusive diante das práticas do luto.

A morte que ocorre nos hospitais deixa de ter caráter público e o moribundo, que por muito tempo foi senhor de sua morte, passa a ser só mais um entre tantos outros doentes do hospital. Quem comanda os rituais finais e os procedimentos que devem ser feitos com os doentes são as equipes de saúde. Nas sociedades ocidentais urbanas atuais, procurou-se reduzir os rituais diante da morte. As cerimoniais são mais breves e o extravasamento das emoções não é mais comum. O homem, em regra, não tem mais o hábito de chorar a morte em público. Nesta lógica de que o choro perante a morte foi perdendo espaço no cotidiano das sociedades ocidentais urbanas no decorrer da história, os meios de comunicação

mostram-se como espaços públicos para demonstração de sentimentos de dor diante do fim da vida.

Para Marialva Barbosa (2004), na contemporaneidade há uma nova maneira de ver a morte, a qual é guiada pelos meios de comunicação. Segundo a autora, os veículos de comunicação apresentam como devem ser realizados os rituais diante da morte, os lugares de preservação da lembrança e os aspectos que devem ser levados em consideração em relação à finitude. São os meios de comunicação que fazem com que a finitude humana chegue às casas dos mais diversos espectadores, mesmo que ela seja considerada negada nestes ambientes.

Como já falamos, durante a Idade Média, a morte era um ritual público, que envolvia muitas pessoas no quarto do moribundo, que estavam no local para as despedidas do agonizante. Já na atualidade, como os rituais diante da finitude desapareceram da cena pública e são, normalmente, interditados, as experiências com a morte se dão através da contemplação nos meios de comunicação. A morte passa a ter formato de espetáculo midiático. Na mídia, é permitido chorar e a comoção é aceita.

Vale ressaltar que Rodrigues (1983, p. 229), ao analisar as constantes apresentações da finitude humana no espaço midiático, polemiza a ideia de que as sociedades atuais são negadoras da morte:

Não obstante nossa argumentação, tudo o que estamos dizendo poderia ser aparentemente contestado se ligássemos um aparelho de televisão. Este simples gesto poderia, à primeira vista, demolir todas as acusações de ocultação e negação da morte, dirigidas contra nossa cultura. Um gesto tão simples, que talvez tenha esta função de demolição como um dos seus deveres ocultos: como afirmar que existe todo um esforço social para escondê-la, como sustentar que só pode ser descrita através de eufemismos, como declarar que a educação das nossas crianças ignora a realidade da morte, como dizer que nossa sociedade quer expulsá-la, se os nossos jornais relatam e dissecam dezenas de mortes diariamente, se ela exerce fascínio e é ambicionada mercadoria jornalística [...].

Fechine (2006) salienta que a televisão consegue fazer uma ligação entre o individual e o coletivo, podendo significar um local de ligação para pessoas de grupos sociais distintos, que nunca vão estar juntas. “Produz, com isso, um sentido de ‘estar com’ que se manifesta pela co-presença que a similaridade da programação (todos vendo a mesma coisa) e a simultaneidade da transmissão (ao mesmo tempo) propiciam” (FECHINE, 2006, p. 1-2). Desta forma, em relação às pautas que abordam a finitude humana, a TV pode significar um local de encontro para o choro da morte. Algumas práticas, como chorar

demasiadamente a perda de um parente (que morreu em um crime, por exemplo), não têm espaço no cotidiano das sociedades ocidentais urbanas da atualidade, acabam ganhando espaço na cena do telejornal.

Dominique Wolton (1996), falando da televisão, diz que a TV generalista, na atualidade, atua como um laço social⁹, levando em consideração a perspectiva de preservar um princípio geral de comunicação. Para o autor, o veículo é uma forma de laço social entre uma comunidade nacional: “Em que a televisão constitui o laço social? No fato de que o espectador, ao assistir à televisão, agrega-se a esse público potencialmente imenso e anônimo que a assiste simultaneamente, estabelecendo assim, como ele, uma espécie de laço invisível”. (WOLTON, 1996, p. 124).

Para Fachine (2006) e Wolton (1996), a TV consegue unir pessoas distantes, tornando-se uma forma de ligação entre elas e pauta assuntos para discussões cotidianas. Tratando-se do assassinato do garoto Bernardo Boldrini, vamos considerar a morte como uma forma de laço social – levando-se em consideração a união do público e os elos em torno do fato. Pessoas desconhecidas se mobilizaram em torno de uma mesma causa: a veneração ao garoto. A solução do crime envolveu pessoas de diversas partes do país; o acompanhamento das investigações mobilizou um público com muita abrangência; o choro da morte foi além das relações do garoto; e a dor foi sentida por muita gente.

O Agendamento Da Morte

A população em geral tem necessidade de saber, de se informar sobre determinados aspectos. Às vezes o faz para saber no que vai interferir na sua vida a tomada de determinadas decisões políticas/econômicas, às vezes o faz por curiosidade ou por entretenimento, tal como no acompanhamento dos esportes, por exemplo. É por isso que Galarça afirma que o jornalismo “(...) representa a forma pela qual o público participa da vida social, direta ou indiretamente” (2007, p.3). Seja qual for a necessidade e o objetivo do interessado, buscará tais informações, na maioria das vezes, nos veículos jornalísticos. São nestes veículos de imprensa que encontrará (ou ao menos deveria encontrar) as informações pertinentes e importantes sobre os acontecimentos locais, regionais e mundiais.

⁹ Para Wolton (1996), a noção de laço social é bastante complexa. “Formulada por Durkheim e pela escola francesa de sociologia numa perspectiva mais institucional do que cultural – com uma destacada interpretação do papel da religião como laço social – ela foi, em seguida, utilizada e ampliada pela antropologia e pela antropologia cultural” (WOLTON, 1996, p. 123).

Os jornalistas são os profissionais da notícia. Dotados de senso crítico, são os responsáveis pela elaboração e seleção dos fatos e informações considerados de interesse público. Enfim, são os intermediadores da comunicação. Ao redigir as notícias, os jornalistas devem observar alguns princípios básicos, tais como a imparcialidade, objetividade, uso de linguagem acessível. Ser imparcial significa apresentar todas as perspectivas de determinada situação, não ficando restrito aos argumentos de apenas uma das partes envolvidas. Objetividade é expor os fatos de forma isenta, não se posicionando sobre assunto abordado. É, em outras palavras, narrar a notícia de forma que o receptor tire suas próprias conclusões. Ainda no tocante a objetividade, é importante destacar que a notícia: “Deve ser publicada de forma sintética, sem rodeios e de maneira a dar a noção correta do assunto focalizado. Quem colhe dados, observando o local ou entrevistando pessoas capacitadas a proporcionar informações para a matéria, deve agir com isenção de ânimo” (ERBOLATO, 2008, p.56, apud RAUSCH, 2010, p. 8). O uso de linguagem acessível, por sua vez, significa descrever os eventos sem o uso de vocabulário rebuscado e excessivo uso de termos técnicos. A doutrina majoritária, no entanto, destaca que é impossível ser totalmente imparcial e objetivo. Isso porque o profissional, ao elaborar um texto, o faz com base na sua bagagem cultural, nas suas convicções, entre outros elementos. Tanto é que por vezes é possível identificar as posições e o pensamento de um jornalista através da análise das palavras escolhidas na redação, das imagens selecionadas para ilustrar o caso, do ângulo apontado na reportagem.

No contexto da produção noticiosa, um ponto importante são os valores-notícia. Tais elementos dizem respeito aos itens analisados no momento de selecionar quais fatos serão transformados em notícias jornalísticas. Erbolato (2008) elenca diversos itens, tais como proeminência, confidências, proximidade, raridade, originalidade, expectativa ou suspense, culto de heróis, humor, etc. Na reportagem objeto deste estudo é possível identificar alguns dos principais critérios que transformaram o fato em notícia, quais sejam: a proximidade (o jornal Zero Hora é elaborado na capital do Estado em que ocorreu a tragédia), raridade (não é todo dia que se vê um pai e a madrasta tentando se livrar do filho, matando-o) e proeminência dos envolvidos (pai era médico bem conceituado na cidade de Três Passos, pertencente à classe alta e de família conhecida na cidade). Nesta seara, é importante lembrar que, com a globalização e o fortalecimento do capitalismo, impera a sociedade de consumo. Mais do que nunca é necessário vender e obter lucro. “Há (...) todo

um apelo estético e valorativo para que um fato isolado se torne notícia.” (GALARÇA, 2007, p. 4).

Corroborar com os argumentos acima o que Guy Debord (1997) chamou de “Sociedade do Espetáculo”. Segundo esta teoria, a notícia é tratada como uma mercadoria. É necessário vendê-la, ainda que para tanto tenha que se manipulem dados ou “espetacularizar” os fatos. Evidente, portanto, que o que menos importa é a qualidade da notícia. Trata-se, no caso em apreço, de matéria jornalística sensacionalista justamente porque o caso Bernardo, dentre tantas outras mortes trágicas ocorridas, recebeu tamanho destaque em função de o pai suspeito ser médico, de classe alta e conhecido na cidade. Como aponta Erbolato, crimes envolvendo pessoas conhecidas impressionam o leitor (2008, apud RAUSCH, p.4). Consequentemente, a curiosidade a respeito dos fatos acaba por impulsionar as vendas.

Ocorre que não houve o cumprimento, pelos jornalistas que acompanharam o caso, da condição de guardiões da cidadania. Isso porque não se viu na imprensa o uso do caso com caráter público, ou seja, como ponto de partida para tratar de assunto de interesse coletivo, como por exemplo, a falta de pessoal para atender as promotorias, a não valorização salarial dos conselheiros tutelares, a situação precária da maioria dos lares de menores.

Não só na reportagem analisada, mas também na maioria das demais matérias a respeito do caso, fica evidente o caráter sensacionalista, o uso do apelo emocional para impulsionar as vendas. Para Debord, este formato de divulgação das notícias faz com que a opinião pública seja altamente influenciada pelas mídias, ocasionando a alienação do espectador. Neste diapasão, o pensamento de Guy Debord vai ao encontro da ideia apresentada a hipótese do agendamento. Barros Filho explica:

As pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função do que a mídia veicula. É o que sustenta a hipótese do *agenda-setting*. Trata-se de umas das formas possíveis de incidência da mídia sobre o público. É um tipo de efeito social da mídia. É a hipótese segundo a qual a mídia, pela seleção, disposição e incidência de suas notícias, vem determinar os temas sobre os quais o público falará e discutirá (BARROS FILHO, 1995, p. 169).

De acordo com esta hipótese, os meios de comunicação influenciam sobre o que pensar e o que falar. É a capacidade que a imprensa tem de hierarquizar e atribuir relevância a determinados assuntos. Em outras palavras, é a mídia pautando as conversas das pessoas e exercendo influência sobre o receptor. Para Shaw (apud WOLF, 2003), a hipótese do

agendamento sustenta que o público, devido a ação dos meios de comunicação, vai ter consciência ou ignorar, dar atenção ou descuidar, enfatizar ou negligenciar alguns assuntos que são específicos da cena pública. Na concepção de Kunczik (2002), o agendamento implica que os meios de comunicação vão determinar assuntos importantes que serão discutidos em determinado momento.

O procedimento mais simples quando se fala em pesquisas sobre o agendamento é o estudo da relação da agenda da mídia com a agenda pública. O olhar deste artigo recai sobre a busca do entendimento de como o Jornal Zero Hora agendou a morte do caso Bernardo na edição do dia 04 de abril de 2015 e como ele abordou a temática como sendo um laço entre o público.

A Morte De Bernardo Em ZH

Para a realização deste estudo, por uma opção metodológica, decidimos analisar a edição de ZH do dia 04 de abril de 2015. Trata-se da publicação dominical do noticioso, o qual tem maior tiragem e volume de vendas em função de conter caderno de classificados, suplementos e reportagens especiais, como a objeto deste estudo. O impresso, que é o maior jornal da Capital Gaúcha e o mais importante do Estado, pertence ao Grupo RBS e está no mercado desde 1964.

Também por opção metodológica, selecionamos os principais sentidos¹⁰ instituídos no discurso do jornal que caracterizam a forma como ele agendou a morte e como ele mostrou que ela acaba sendo uma forma de laço social entre pessoas distintas, que nunca se viram, mas que estão unidas em nome do garoto Bernardo. Destacamos em itálico, no decorrer de cada uma das frases de Zero Hora selecionadas para ilustrar o estudo, as marcas de sentidos referentes à discussão sobre o agendamento da morte de Bernardo e à apresentação da morte como uma forma de laço entre o público leitor.

A partir da perspectiva do agendamento da morte e de sua demonstração como um laço entre os leitores, traçaram-se os eixos de análise do impresso, que são: 1- a morte como um laço social; 2- a busca por justiça; 3- herança de Bernardo.

¹⁰ Para Orlandi: “O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito” (ORLANDI, 2001, p.47). Neste artigo, tomamos por base a discussão sobre sentido de Orlandi (2001), mas vamos aprofundar o tema.

1- A Morte Como Um Laço Social

Inicialmente, cumpre salientar que, embora Dominique Wolton (1997) tenha apresentado a ideia de “laço social” como fundamento da programação televisiva, as ideias por ele difundidas também podem ser aplicadas aos demais veículos de comunicação, sem maiores dificuldades. O autor, referindo-se à televisão, diz que ela é um veículo completamente inserido na vida cotidiana e serve como um forte laço social entre as pessoas. A TV generalista faz a ligação entre pessoas distintas, que não se conhecem e que nunca tiveram contato.

Além da televisão, outros veículos de comunicação também podem servir como uma forma de laço entre os mais distintos públicos. A edição do dia 4 de abril de 2015 do Jornal Zero Hora, ao noticiar o caso Bernardo, agendou a morte do garoto como uma forma de união entre pessoas que jamais se viram e que se uniram pelo laço de sua morte. A perspectiva da morte como laço social na matéria de ZH já pode ser evidenciada no título da reportagem: “A corrente que Bernardo uniu”.

A seção 1 do texto sobre Bernardo, intitulada “Conectados pela causa do Bê”, começa destacando que pessoas que vivem em locais distantes são unidas (*conectadas*) pela memória do garoto:

Espalhadas pelos mais diversos lugares, milhares de pessoas mantêm acesa a lembrança do menino morto há um ano no interior do Rio Grande do Sul com a participação de familiares. Mais do que preservar sua memória, ajudam a transformar a forma como crianças em risco são cuidadas.

O jornal elenca, no decorrer da primeira seção, o nome de diversas pessoas – dando características de cada uma delas – e aponta a forma como cada uma se afeiçoou ao caso:

Asileide de Oliveira, 64 anos, mora em Natal (RN) e tem seis netos, mas há um ano dedica dias e noites à memória de um menino gaúcho que nunca conheceu.

Francisco Mauro Souza Cruz, 41 anos, é técnico mecânico de motocicletas em Fortaleza (CE). Se define como um "cara muito frio" e na internet é conhecido como "Mauro Predador". Quando soube que o garoto de Três Passos havia sido enterrado pela madrasta em uma cova rasa, supostamente com conhecimento do pai, o médico Leandro Boldrini, em 4 de abril do ano passado, não conseguiu ficar impassível.

Karine Mezzomo, 38 anos, mora em Foz do Iguaçu (PR) e há 11 meses se concentra sempre às 21h, de segunda a sexta-feira, para mobilizar correntes de oração via

redes sociais pelo menino, que antes de receber uma injeção letal chegou a ir à Justiça pedir uma nova família.

A dentista Paula Branco, 41 anos, de São Paulo, acompanha passo a passo do processo. Foi atrás dos peritos particulares contratados pela avó materna de Bernardo na capital paulista para se engajar na mobilização pela reabertura da investigação da morte da mãe do menino, ocorrida quatro anos antes da do filho. Não se conforma com a tese de suicídio de Odilaine Uglione.

Vale destacar que é citado que *Francisco Mauro Souza Cruz* se define como uma pessoa fria e que mesmo assim se sentiu tocado pela forma como Bernardo foi morto. E que ZH está trazendo pessoas do Rio Grande do Norte, Ceará, Paraná e São Paulo como unidas por uma causa comum: a morte do garoto Boldrini. Neste momento, Zero Hora parece querer demonstrar aos seus leitores que os públicos dos mais diversos locais estão unidos por uma causa comum: a morte do garoto Bernardo. Desta forma, ocorre o agendamento da morte de Bernardo como um elo entre pessoas que vivem em realidades completamente diferentes.

O Jornal deixa bem claro que nenhuma das pessoas destacadas conhecia o garoto, que o vínculo entre elas (o laço social) é a *morte* de Bernardo. O menino só passou a ser uma forma de laço entre as pessoas depois de ter sofrido uma morte trágica:

Nenhum deles conhecia Bernardo. Pelo menos não antes do destino do menino de classe média, filho do cirurgião mais famoso de Três Passos, no noroeste gaúcho, ganhar os noticiários do país pelo desfecho trágico.

Zero Hora destaca que a morte do garoto Bernardo mobiliza milhares de pessoas nas redes sociais, as quais fazem correntes para acompanhar o desfecho do caso. ZH agenda, de forma evidente, que o falecimento de Boldrini de forma cruel e violenta é uma forma de união entre as mais diversas pessoas, que talvez jamais teriam contato se não fosse este caso.

A reportagem também enfatiza que o choro por Bernardo ultrapassou as fronteiras brasileiras:

Apenas em uma gráfica local já foram encomendados 90 banners, pagos por clientes de Estados como Acre, Minas Gerais e Paraíba. Na floricultura Casa dos Enfeites, onde Bernardo costumava olhar os aquários que sonhava em ter, os pedidos feitos pela web também são contínuos, inclusive de países como Austrália, Estados Unidos, Alemanha, Portugal.

Como se pode ver na passagem do jornal, pessoas de diversos países prestam homenagens ao garoto.

2- A Busca Por Justiça

A noção de laço social apresentada por Wolton elucida que há uma união, ainda que invisível, do público receptor. Inúmeras pessoas leram as notícias sobre o caso, inclusive a reportagem analisada. E estes leitores, ao lerem, demonstram interesse no caso. E mais: estão unidos pelo desejo de ver a justiça concretizada.

Estão unidos em busca de um objetivo comum pessoas de diferentes credos, níveis socioculturais e classes sociais. “Um laço que une independente da origem, da formação e do nível cultural. Uma mensagem cuja força está no fato de ser levada a doutores e analfabetos, sem distinções” (CANATTA, 2014, p.8). Neste contexto, a edição analisada de Zero Hora discute a busca por justiça. Em relação a tal busca, podemos mencionar o seguinte trecho da reportagem:

A espera pela condenação dos acusados é um dos anseios para aplacar a dor coletiva.

Ainda na lógica da discussão da união popular na busca por justiça no caso Bernardo, o Jornal faz referência à reabertura das investigações da morte de sua mãe – que foi dada como suicídio:

Entre a comunidade, permanece a expectativa ainda de reabertura das investigações da morte da mãe do menino, Odilaine.

A dentista Paula Branco, 41 anos, de São Paulo, acompanha passo a passo do processo. Foi atrás dos peritos particulares contratados pela avó materna de Bernardo na capital paulista para se engajar na mobilização pela reabertura da investigação da morte da mãe do menino, ocorrida quatro anos antes da do filho. Não se conforma com a tese de suicídio de Odilaine Uglione.

No decorrer de toda a reportagem, fica evidente que ZH agendou a vontade do público de ver os responsáveis pelo caso pagando pelo crime. Como se pode ver na referência à Karine Mezzomo, que já foi destacada anteriormente:

Karine Mezzomo, 38 anos, mora em Foz do Iguaçu (PR) e há 11 meses se concentra sempre às 21h, de segunda a sexta-feira, para mobilizar correntes de oração via redes

sociais pelo menino, que antes de receber uma injeção letal chegou a ir à Justiça pedir uma nova família. *Em suas preces, pede luz para a elucidação do caso e a punição dos responsáveis.*

A corrente por justiça é agendada por ZH como uma forma de união de pessoas de locais distintos e até de outros países.

3-Herança De Bernardo

No discurso do Jornal, é passada a ideia de que a sociedade, de certa forma, se mostra arrependida de não ter dado a devida atenção aos clamores do garoto, de não ter sido possível tomar uma atitude providencial em tempo hábil. Tal sentimento de remorso social pode ser traduzido através dos seguintes relatos da reportagem:

Mas a própria história do logradouro diz muito sobre como a *comunidade* está lidando com as suas cicatrizes.

e

A maior *sensibilização social* aos riscos enfrentados pelas crianças no ambiente doméstico após o Caso Bernardo é considerada decisiva para o incremento. A *cidade* que não conseguiu ouvir os apelos de Bernardo hoje se esforça para que a história dele não seja em vão. — *Em toda a região* o pessoal ficou mais atento, toda hora *tem gente* visitando o lar, trazendo roupas (...)

A reportagem destaca que, apesar da tristeza do caso e da sociedade não ter evitado a morte do garoto, a tragédia contribuiu para o desenvolvimento social:

As lições deixadas pela sua história, ao menos, têm contribuído para modificar o olhar sobre outras crianças. No Conselho Tutelar de Três Passos, o número de denúncias de maus-tratos mais do que dobrou no último ano, saltando de uma média de 10 para 30 ligações mensais.

Outro efeito do caso foi a desconstrução dos estereótipos sociais, confirmando que uma boa renda familiar não é garantia de proteção à infância. Antes, a rotina dos conselheiros era averiguar suspeitas em casebres da periferia da cidade. Desde então, começaram a tocar também nos interfonos da classe média.

Nilo (2009, p. 9), ao analisar os ensinamentos de Wolton, assevera que os meios de comunicação, em situações como a ora analisada, “desenvolve(m) o senso crítico, pois ao

se dirigir a todos, obriga todo mundo a estar à altura de um determinado olhar (...)”. Em outras palavras, significa que, ao contrário do que se tem por senso comum, tais reportagens, embora com certo caráter sensacionalista, não deixam o receptor alienado: podem fazer com que os cidadãos pensem a respeito das políticas públicas vigentes, sobre seus direitos e deveres para com a sociedade.

O penúltimo trecho citado da reportagem deixa claro que há um esforço coletivo para atender aos menores que estão abrigados em casas de passagem. No momento que se menciona que “a cidade” se propõe a fazer algo positivo para atender estes necessitados, infere-se que estão neste grupo pessoas desde as mais pobres até as mais abastadas, desde aquelas com baixo índice cultural até as mais qualificadas. Nesta linha de pensamento, se insere a lição de Wolton (1996, apud CANATTA, 2011, p. 8) ao pontuar que “reunir indivíduos e públicos que tudo tende a separar, e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva”.

Infere-se que, além da profunda dor coletiva, Bernardo deixou como “herança” a necessidade de maior investimento nos serviços auxiliares da justiça. As falhas verificadas no caso e a ineficiência dos órgãos de proteção, com tantas tecnologias e facilidades disponíveis atualmente, não são admissíveis.

Também restou um alerta para a sociedade: infelizmente tais tipos de situações são mais frequentes do que se deseja. Não é à toa que a reportagem aponta um aumento no índice das denúncias, um reflexo de que as pessoas estão preocupadas com o próximo, não havendo mais certo temor em se envolver e denunciar situações de abuso e maus tratos. É importantíssimo que a coletividade não veja estas situações como corriqueiras e banais, eis que são vidas que estão em jogo. É interessante que o indivíduo se questione o que faria ou gostaria que fizessem se o abuso fosse com um ente querido. Certamente gostaria de ver justiça e, por isso, é indispensável que a população não tenha medo de fazer denúncias e tomar as providências necessárias.

Considerações finais

Há uma complexidade relativa às coberturas sobre a morte nos meios de comunicação. Como falamos anteriormente, nas sociedades ocidentais urbanas da atualidade, a morte é um assunto considerado interdito. Mesmo assim, os meios de comunicação fazem um alastramento do assunto.

A morte, apesar de ser uma temática polêmica e complexa, em suas transmissões midiáticas, na maioria das vezes, tem uma forma de apresentação bastante similar, baseada na espetacularização e na exploração dos sentimentos dos envolvidos nos casos. As lágrimas dos parentes dos falecidos geralmente fazem parte das narrativas televisivas e das fotos dos impressos. Da mesma forma que depoimentos emocionados, na maioria das vezes, são apresentados.

Em relação à reportagem de um ano do falecimento de Bernardo em Zero Hora, o jornal agendou a morte do garoto dando ênfase no elo gerado por ele entre pessoas distintas, que jamais se conheceram, mas que têm uma causa em comum: a dor pela morte um de um menino indefeso. Também fez parte do agendamento de ZH, na reportagem em estudo, a perspectiva de que a sociedade espera por justiça, de que as pessoas estão unidas esperando pela condenação dos criminosos e de o que garoto não foi esquecido. Além disso, o jornal destacou que a morte de Bernardo deixou de herança para a sociedade um olhar diferente sobre as outras crianças, através de mais cuidados por parte do conselho tutelar da cidade de Três Passos. Zero Hora mostrou, então, que a dor da morte de Bernardo gerou serviu como um laço social entre pessoas distintas. A morte serviu de união por justiça.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação: da informação ao receptor**. São Paulo: Moderna, 1995.

CANATTA, Fábio. **A experiência da segunda tela na perspectiva do laço social**. In: 12º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/9241033/A_experi%C3%Aancia_da_segunda_tela_na_perspectiva_do_la%C3%A7o_social>, acesso em 14/Jun/2015.

DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**, São Paulo: Ática, 2008.

FECHINE, Yvana. **Uma proposta de abordagem do sensível na TV**. In: XV Encontro da Compós, 2006, Bauru. Anais. Bauru: Compós, 2007.

GALARÇA, Sandro Lauri da Silva. **Pirâmide invertida, lead clássico e interesse público: 50 anos depois, jornalismo impresso catarinense ainda segue padronização**. In: CONGRESSO

BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1523-1.pdf>>. Acesso em 02/Jun/2015.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: Norte e Sul. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

LOPES, Rita. **O poder dos media na sociedade contemporânea**. Disponível em: <<http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/04/lopes-rita-media-e-poder.pdf>>. Acesso em 02/Jun/2015. Universidade da Beira Interior, 2005.

MANNOMI, Maud. **O nomeável e o inominável**: a última palavra da vida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Portugal: Publicações Europa-America, 1988.

MORIN, Edgar. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NILO, Adriana Tigre Lacerda. **A contribuição das teorias críticas do “Laço Social” à “Tripla função da televisão” de Dominique Wolton para os estudos da mídia televisiva na Europa e no Brasil**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. 2009. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1818-1.pdf>>. Acesso em 09/Jun/2015.

ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**. Campinas: Pontes, 2001.

RAUSCH, Fábio; WAINBERG, Jacques. **A questão (ou distorção) da reportagem em matérias sensacionalistas**. In: XI Congresso Ciências da Comunicação na Região Sul. Novo Hamburgo. 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0698-1.pdf>, acesso em 02/Jun/2015.

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Edições Achiamé Ltda: Rio de Janeiro, 1983.

SANTOS, Nina. **Agendamento e sites de redes sociais**: Um novo lugar para o cidadão?. In: XI Congresso de Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/ninasantos/agendamento-e-sites-de-redes-sociais-um-novo-lugar-para-o-cidadao>. Acesso em 02/Jun/2015.

SIMMEL, George. **A metafísica da morte**. Trad. Simone Carneiro Maldonado. Política & Trabalho, ano 14, n. 14, João Pessoa, PPGS-UFPB. pp. 177-182, 1998.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.